

## bombas, pandemia e modulações da vida...<sup>1</sup>

*luíza uehara*

Em 1816, James Towle subiu no cadafalso para cumprir sua sentença de morte. Era o último enforcamento de um destruidor de máquinas. Quando o fosso se abriu, cantou alto uma canção ludista até sua voz ser sufocada pela corda e pelo estalo do pescoço quebrado. Em seu cortejo fúnebre, três mil pessoas entoaram à capela a última música cantada por Towle (Ferrer, 2006).

Towle contrapositionava-se às máquinas destruindo-as. Uma ação direta contra aquilo que considerava ser o fim de seu modo de vida e que levaria à sua exploração.

Hoje, ao pesquisar James Towle na internet é possível encontrar informações sobre homônimos ou somente as datas de nascimento e morte. Na internet, que está em constante atualização, apenas combinando seu nome com

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no evento *Depois da pandemia*, realizado pelo Nu-Sol em 02 de maio de 2022 e com transmissão on-line, disponível no canal do Nu-Sol no YouTube (<https://youtu.be/GsjgA1Zs3Hc>).

*Luíza Uehara é pesquisadora no Nu-Sol. Contato: luiza.uehara@gmail.com.*

outras palavras-chave, podemos encontrar uma ou outra informação sobre sua existência.

Sua trajetória não está nem mesmo listada entre os verbetes da Wikipédia, a enciclopédia colaborativa que pretende abarcar todo o conhecimento do planeta.

Towle era um ludista e, apesar dos ludistas não serem considerados como um grupo conciso e adeptos de um mesmo pensamento, eles anunciavam a urgência em destruir as máquinas e as relações que delas derivavam.

A respeito das lutas contra as máquinas, mais de um século depois, o Ocidente foi tomado de assalto pelos ataques de Theodore Kaczynski, nomeado pela polícia como Unabomber (**U**niversity and **A**irline **B**omber - bombardeador de universidades e linhas aéreas)<sup>2</sup>. Ele, por sua vez, não foi jogado ao esquecimento como Towle. Tornou-se um personagem do imaginário estadunidense e sua captura virou um exemplo de excelência das investigações do FBI, que demorou décadas para identificar quem ele era. Entretanto, o grande feito do FBI, juntamente com a mídia tradicional estadunidense e os tribunais, foi tornar o seu escrito como um manifesto de terrorista e alvo de posteriores análises psicológicas que o categorizaram como um psicopata. Assim, *A sociedade e o seu futuro*, permanece mais conhecido como o *Manifesto Unabomber*, ou seja, o manifesto de um terrorista. A partir disso, sua história passou a ser conhecida como a do incrível matemático de Harvard que se voltou contra as tecnologias para viver no mato e mandar bombas para intelectuais e empresários.

---

<sup>2</sup> Optou-se por referir-se a Kaczynski pelo seu nome em vez do apelido, cunhado pelo FBI.

Assim, após a sua prisão e condenação, a cabana onde morava tornou-se objeto de museu do FBI; sua vida virou roteiro de série e de documentário da Netflix; seu rosto estampa camisetas que podem ser adquiridas na Amazon e no Ebay; seus objetos pessoais e invenções foram vendidos para colecionadores em um leilão que rendeu mais 15 milhões de dólares. Entretanto, mesmo assim, seu manifesto corre em bits pela internet.

Kaczynski enfrentava a *sociedade industrial* e seu desenvolvimento. Em seu texto, destacou que não há reforma possível para o que chama de *sistema tecnológico industrial*, compreendido não somente como uma relação de produção e de exploração de mercado, mas como a emergência de uma subjetividade atrelada e dependente das máquinas. “Com o tempo, é possível que se chegue a um estágio em que as decisões necessárias para manter o sistema funcionando sejam tão complexas que os seres humanos serão incapazes de tomá-las inteligentemente. Quando se chegar a esse estágio, as máquinas estarão, efetivamente, no controle. As pessoas não poderão simplesmente desligar as máquinas porque elas estarão tão dependentes delas que desligá-las equivaleria a cometer suicídio” (Kaczynski, s/d, on-line).

Antes mesmo da internet ou da ascensão das redes sociais ou de uma pandemia, Kaczynski destacou que estamos vivendo um momento divisor de águas. As tecnologias tradicionais de modulação de subjetividades são complementadas por modulações invasivas no biológico, na constituição física e mental do corpo por biotecnologias e engenharia genética. Tais tecnologias são introduzidas, paulatinamente, como um desenvolvimento natural das coisas, mascarando sua base autoritária de imposição,

e o controle se apresenta como a velocidade dinâmica de processos de evolução social.

Aqueles que não estão inseridos nessa tecnologia aparecem como distúrbios dentro da comunicação. Assim, é imperativo que todos estejam conectados, sempre. É preciso sempre estar online e atento ao aplicativo de mensagem: um amigo sem WhatsApp, hoje em dia, já não é alguém para conversar. Não estar ativo nas redes sociais e não responder instantaneamente às mensagens, e-mails e reagir às postagens, é estar deslocado da velocidade da comunicação e atrasar o fluxo.

Muitos acreditavam que dessas tecnologias derivaria a *salvação da humanidade*. Ou que se chegaria a um momento em que o alto desenvolvimento tecnológico faria com que todos os seres humanos no planeta não passassem por qualquer tipo de dificuldade, como a fome. Entretanto, como já havia destacado Kaczynski, “as máquinas cuidarão cada vez mais de tarefas simples pelo que haverá um excedente de trabalhadores humanos nos níveis mais baixos de habilidade. (Vemos que isto já está acontecendo. Há muita gente com dificuldades ou que não encontra trabalho. Por razões intelectuais ou psicológicas, essas pessoas não podem adquirir o nível de treinamento necessário para se fazerem úteis no presente sistema). Para aqueles que estão empregados, as exigências irão sempre aumentar: precisarão de mais e mais treinamento, de mais e mais habilidade, e terão que ser, inclusive, mais fiéis, conformistas e dóceis, porque serão cada vez mais como células de um organismo gigante. Suas tarefas serão cada vez mais especializadas, pelo que seu trabalho estará, num sentido, fora de contato com o mundo real, estando

eles concentrados numa minúscula porção de realidade” (Kaczynski, s/d, on-line).

Manter-se minimamente empregado e produtivo tornou-se sinônimo de uma vida em uma busca incessante por atualizações de currículos, assim como os aplicativos que precisam ser atualizados constantemente para não ficarem obsoletos e caírem em desuso. Simultâneo à atualização, também é fundamental ser dócil. Porém, não se trata tanto de uma docilidade política fundamental para a noção de disciplina e de biopolítica de Michel Foucault, mas uma docilidade para que cada um busque o seu *upgrade* atrelado a uma competitividade para que o ambiente esteja em constante transformação e melhoria. “O sistema terá que usar qualquer meio que possa, seja psicológico ou biológico, para nos desenhar para sermos dóceis, para termos as habilidades que requeira o sistema e ‘sublimarmos’ o impulso pelo poder em alguma tarefa especializada. Mas a afirmação de que a gente de tal sociedade terá que ser dócil pode requerer reservas. Pois pode ser útil que exista a competitividade, sempre que se encontrem maneiras de dirigi-la dentro de canais que sirvam às necessidades do sistema. Imaginamos uma sociedade futura na qual há uma competição inacabável pela posição de prestígio e poder” (Idem).

Portanto, uma nova configuração de forças é estabelecida por uma subjetividade orientada pelo sucesso por meio da incessante produção com mais máquinas. Vale ressaltar que, como já destacou Gilles Deleuze em seus *Post Scriptum sobre as sociedades de controle* (1992), ao dizermos máquinas, não se trata somente das máquinas energéticas, mas também das máquinas cibernéticas, como os smartphones, que todos carregamos em nossos bolsos.

Utilizar tais máquinas é estar inserido em relações de poder que trazem satisfação, sonhos, desejos, julgamentos e frustrações. É nas redes sociais, por exemplo, que se aspira ser tão feliz quanto o outro *amigo*, que se julga sobre a postagem do *influencer*, que se arruma um emprego, que se mostra como a sua vida é melhor que a do outro, entre tantas outras coisas. “Para a maioria das pessoas, é por meio das relações de poder que se adquirem autoestima, autoconfiança e um senso de poder em ter uma meta, fazer um esforço autônomo e atingir essa meta. Quando não se tem uma oportunidade adequada de viver esse processo de poder, as consequências são (dependendo do indivíduo e da maneira pela qual o processo de poder é perturbado) tédio, desmoralização, baixa autoestima, sentimentos de inferioridade, derrotismo, depressão, ansiedade, sentimento de culpa, frustração, hostilidade, abuso de cônjuge ou crianças, hedonismo insaciável, [...] desordens do sono, desordens alimentares etc.” (Kaczynski, s/d, on-line).

Tais relações de poder não foram impostas a ninguém. Como destaca Kaczynski, as máquinas não são introduzidas de maneira autoritária no nosso cotidiano. Mas, paulatinamente, elas estão sendo introduzidas como se isso fosse o único meio de desenvolvimento das coisas: o fascinante smartphone parece conter todas as respostas para tudo aquilo que precisamos e que ainda nem sabemos que precisaremos. As máquinas ainda parecem ser o ápice do desenvolvimento da *humanidade*, um caminho trilhado para que todos sejam mais eficientes e para que as questões burocráticas sejam menos passíveis de falhas ou corrupções humanas. “Em termos gerais, o controle tecnológico sobre os seres humanos provavelmente não será introduzido com uma intenção totalitária e nem mesmo

através de um desejo consciente de restringir a liberdade humana. No entanto, alguns psicólogos expressaram publicamente opiniões indicando seu desprezo pela liberdade humana. O matemático Claude Shannon foi citado em *Omni* (agosto de 1987) dizendo: ‘visualizo um tempo no qual seremos para os robôs o que os cachorros são para os humanos, e eu apoio as máquinas’. Cada novo degrau na afirmação do controle sobre a mente humana será considerado como uma resposta racional a um problema enfrentado pela sociedade, tal como curar alcoolismo, reduzir taxa de crime ou induzir jovens ao estudo de ciências e engenharia. Em muitos casos, haverá uma justificativa humanitária. Por exemplo, quando um psiquiatra prescreve um antidepressivo a um paciente deprimido, faz um favor a essa pessoa, é claro. Seria desumano negar remédio a alguém que precisa” (Idem).

Da mesma maneira que realizar investimentos em uma pessoa para que ela melhore e consiga um melhor desempenho no mercado de trabalho, por exemplo, é algo fundamental e humano. “Quando os pais mandam seus filhos ao Centro de Aprendizagem Sylvan [Centro de reforço escolar estadunidense] para que sejam condicionados a ter entusiasmo pelos estudos, o fazem preocupados com o bem-estar deles. Talvez alguns destes pais preferissem não haver necessidade de seu filho passar por um treinamento especializado para conseguir trabalho, não precisasse passar por uma lavagem cerebral para converter-se num especialista em computadores. Mas, o que fazer? Não podem mudar a sociedade, e seu filho pode ficar desempregado se não tiver certas habilidades” (Ibidem).

Os enunciados de Kaczynski são uma potente análise da emergência das máquinas cibernéticas e de outras tantas máquinas que são utilizadas cotidianamente. Como afirmou Edivaldo Vieira da Silva (2006), mais do que pelos seus ataques, o seu escrito é uma tentativa de organizar uma luta contra o sistema industrial, em que não interessa uma reforma ou a tomada do governo, mas dar fim a esse sistema. Seu combate inaugural à subjetividade tecnológica neoliberal contemporânea permanece vivo, em chamadas, e ataca libertários pelo planeta, cujas ações diretas são divulgadas e encontradas por aqueles que possuem interesse em dar fim ao sistema industrial analisado por Kaczynski.

### **depois da pandemia...**

O novo coronavírus desembarcou no Brasil, de acordo com dados da OMS (Organização Mundial da Saúde), em fevereiro de 2020, poucos meses depois do aparecimento do paciente zero no mercado da província de Wuhan, na China.

Poucos dias depois, com o rápido espalhamento pelo planeta e a declaração de pandemia, estávamos todos presos dentro de casa assistindo aos noticiários ou a algum *influencer* que poderia dar pistas do que aconteceria em seguida. Outros tantos conectados julgavam nas redes sociais os *influencers* e as celebridades que foram às festas ou provocaram aglomerações.

Espalhavam-se, simultaneamente, as notícias do colapso dos sistemas de saúde pelos países da Europa. Enquanto isso, a China erguia um hospital em somente 7 dias para tratamento dos acometidos pela Covid-19. Tudo acompanhado pelas telas ou pelos sons emitidos em



bombas, pandemia e modulações da vida...

podcasts. Como afirmou Passeti (2020, p. 75), “a chamada pandemia precisa de mais pastores zelando pela circulação de pessoas e coisas, reiterando precauções, mostrando alternativas de vida saudável aos aquartelados: como melhorar a dieta alimentar, os exercícios para o corpo, as meditações, as leituras e blogs recomendáveis etc.”

O novo imperativo era manter-se informado sobre o que era a pandemia ou sobre o que fazer para evitar uma contaminação, uma onda de informações chegou a todos enquanto o planeta parecia estar parado.

Câmeras ao vivo que antes registravam os maiores congestionamentos de pessoas e veículos pelo planeta, agora transmitiam ruas vazias. Acompanhou-se os índices de poluição baixarem, e os entusiastas do meio ambiente até chegaram a ficar felizes. O planeta parecia ter parado.

Entretanto, tratava-se de *planeta parado* que, relativamente, não significava a mesma coisa que não ter movimento. Talvez, um planeta em inércia, sendo que essa tendência física se refere a um corpo que está parado, mas se movimenta, não por aceleração própria, mas pela força que foi exercida sobre ele. E, dessa maneira, ele continuará em movimento, até que essa força se disperse e não aja mais sobre ele. E, mesmo um corpo em inércia, também pode ser impulsionado continuamente por uma outra força de aceleração interna ou externa. Entretanto, também pode haver resistências ao movimento que levam à sua completa ou quase total paralização.

Na inércia do movimento, trabalhadores em home office e alunos em aulas online continuavam a exercer as suas atividades, enquanto acompanhavam os noticiários e as catástrofes pelo planeta.

Aos que não tinham acesso às aulas online ou aos empregos que poderiam ser transpostos para internet, restava a espera por auxílios e suas variações, a espera pela vacina, a espera pela retomada da *normalidade* entre tantas outras esperas. A espera também é a inércia, continua-se ali, sem criação de movimento próprio, se movimentando de acordo com a espera, seguindo o fluxo.

Não existe inércia sem consentimento. E acompanhamos uma série de consentimentos com processamentos de dados sobre cada um em nome do monitoramento de toda a pandemia e para a localização daquele que poderia ser o corpo incubador do vírus: celulares passaram a construir mapas para identificar os índices de isolamento social e localizar aglomerações. Tais mapas, que poderiam até ter causado alguma comoção em algumas pessoas por alguns instantes por partirem do monitoramento dos passos de cada um, hoje são tão comuns que o Google Maps identifica todas as aglomerações que estão perto de você.

Todos estavam, simultaneamente, conectados via Zoom, plataforma online vastamente usada para reuniões de amigos, empresariais e até mesmo aulas. O aplicativo compartilha informações diretamente com a Meta, a empresa proprietária do Facebook, e informa: quando o usuário está online, onde está, qual a sua operadora de telefone, e até mesmo os potenciais produtos que ele possa vir a comprar a partir de propagandas específicas<sup>3</sup>. Ter conta ou não no Facebook pouco importa, os seus dados são transferidos de qualquer maneira, todos estamos dentro.

---

<sup>3</sup> Ver: <https://www.cnet.com/tech/services-and-software/zoom-privacy-risks-the-video-chat-app-could-be-sharing-more-information-than-you-think/>.

bombas, pandemia e modulações da vida...

Câmeras espalhadas pelas ruas passaram a fazer a leitura biométrica das pessoas para identificar quem eram e multá-las. Em nome da segurança, do desenvolvimento tecnológico que parece ser o futuro inevitável, como destacou Kaczynski, monitoramentos e controles passaram a ser rotulados como ainda mais essenciais para o controle da vida no planeta por até mesmo intelectuais como Shoshana Zuboff, professora aposentada de Harvard e uma das entusiastas das reformas na internet para que o seu funcionamento fosse mais controlado e democrático. A pandemia do coronavírus instaurou o momento de uma biovigilância, que seria até passível de questionamentos, mas dificilmente seria modificada. Portanto, estamos diante da consolidação de um monitoramento consentido em uma inércia para que o planeta continue em movimento.

E sob o imperativo de adaptação a um *novo normal*, quase três anos se passaram desde o paciente zero.

Durante a chamada pandemia, nos acostumamos às inúmeras instruções recebidas todos os dias: pratique ioga, medite, crie uma rotina harmoniosa, tenha consistência, ajude os filhos a estudar, coma bem para melhorar a imunidade, não se estresse... praticamente um looping eterno nos últimos dois anos da música *fitter happier* de Radiohead: “seja mais produtivo, mais confortável, não beba muito, exercite-se regularmente, dê-se melhor com os seus colegas de trabalho, coma bem, não tenha medo das sombras da noite ou do meio-dia, não seja ridiculamente adolescente e nem desesperado, não seja infantil, siga em uma cadência cada vez melhor, mais lento e mais calculado, mais produtivo, não chore em público, não seja vazio e nem frenético”.

As frases de como viver, que se assemelham a orientações para o funcionamento de um programa de computador, são voltadas para uma maior eficiência. E, diante de uma pandemia, as frases foram atualizadas e ainda mais repetidas. Uma vida que passou por um ajuste de programação, voltada ao mercado, ao investimento em si, na carreira, com vistas ao sucesso. Uma vida bombardeada por estímulos e investimentos para a felicidade na alta performance e na conquista do retorno do investimento.

Todos os comandos para a felicidade estão à disposição em uma interface. As vidas felizes estão à venda em poucos cliques e curtidas dizendo o que fazer, como investir, como se alimentar, qual produto comprar... e nas linhas de tantos comandos, um ou outro pode estar com defeito e algo aparecer em seu *feed* que não seja desejado. Questão de ajuste e atualização.

Cada vez mais conectados, ou, como conclui a música do Radiohead, “em melhor forma, mais saudável, mais produtivo. Um porco em uma jaula cheia de antibióticos”.

## Referências bibliográficas

Deleuze, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle in *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992, pp. 219-226.

Ferrer, Christian. *Os destruidores de máquinas*. São Paulo, Imprensa Marginal, 2006.

bombas, pandemia e modulações da vida...

Kaczynski, Theodore. *A sociedade industrial e seu futuro*. s/d. Disponível em: <https://we.riseup.net/anarkialibraro/manifesto>. (Acesso em: 29/08/2022).

Passetti, Edson. "Pandemia, saúde pública e liberdades" in Edson Passetti, João da Mata & José Maria Carvalho Ferreira (org.) *Pandemia e anarquia*. São Paulo, Hedra, 2020.

Silva, Edivaldo Vieira da. *O corpo na transversal do tempo: da sociedade disciplinar à sociedade de controle ou da analítica de "um corpo que cai"*. Tese de doutorado. Programa de Estudo Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. PUC-SP, 2006.

Zuboff, Shoshana. Surveillance in an era of pandemic and protest in *The Intercept*. 11/09/2020. Disponível em: [www.theintercept.com/2020/09/11/coronavirus-black-lives-matter-surveillance](http://www.theintercept.com/2020/09/11/coronavirus-black-lives-matter-surveillance). (Acesso em: 29/08/2022).

*Resumo:*

*A partir das considerações de Theodore Kaczynski, nomeado pelo FBI como Unabomber, apresentamos análises sobre as transformações tecnológicas e a constituição de uma subjetividade tecnológica neoliberal contemporânea, acirrada, amplamente aceita e desejada durante a chamada pandemia de Covid-19.*

*Palavras-chave: novas tecnologias, pandemia, anarquia, Kaczynski.*

*Abstract:*

*Based on the considerations of Theodore Kaczynski, named Unabomber by the FBI, we present an analysis on technological transformations, and the constitution of a contemporary neoliberal technological subjectivity, which was rigid, widely accepted, and desired during Covid-19 pandemic.*

*Keywords: new technologies, pandemic, anarchy, Kaczynski.*

*Recebido em 10 de agosto de 2022. Confirmado para publicação em 11 de setembro de 2022.*

***Bombs, pandemic, and modulation of life..., Luíza Uehara.***